

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.12012017271-282>

O VIVIDO E O NÃO-VIVIDO: MEMÓRIA E PÓS-COLONIALISMO EM O RETORNO, DE DULCE MARIA CARDOSO

Roberto Monaco*

Gregório Foganholi Dantas**

Resumo: O Retorno é um romance de Dulce Maria Cardoso ambientado no período da ruptura de Portugal com suas colônias em África, especialmente após a Guerra Colonial em Angola. A independência desse país provocou a fuga de centenas de milhares de colonos, obrigados a retornarem à Metrópole (Lisboa). Neste cenário, a autora reconstrói a vida de uma família de “retornados”, a partir da ótica de um adolescente. O objetivo deste artigo é buscar compreender como as reflexões deste jovem, aliadas às memórias da autora – ela própria uma “retornada” – remetem ao sentimento de não-pertencimento e ilustram uma faceta impar do pós-colonialismo contemporâneo.

Palavras-chave: Dulce Maria Cardoso. Memória. Pós-colonialismo.

Entre os anos 1974 e 1975, Angola, após mais de uma década de Guerra Colonial, alcança sua independência de Portugal. No mesmo período, em Lisboa, acontece a Revolução dos Cravos (25 de abril de 1974), que derruba a ditadura implantada por Salazar e leva ao poder um governo de cunho socialista, favorável à descolonização.

Com a desmobilização das tropas portuguesas que haviam sido deslocadas a África, as perseguições e represálias ao “branco colonizador” são imediatas e violentas: inicia-se uma grande retirada, quando é deixado para trás praticamente tudo que foi acumulado: casas, terrenos, automóveis - muitos partiram apenas com a roupa do corpo, pois só era permitido embarcar com uma mala por pessoa.

O “retorno” das colônias africanas é, assim, ao menos em termos de impacto populacional numérico, o maior evento da história portuguesa contemporânea, já que causou um acréscimo de aproximadamente cinco por cento da população em poucos meses¹. Se demograficamente este momento foi marcante, sob a ótica de significado social adquiriu ainda maior relevância. A principal temática deste retorno pode ser exemplificada pela dificuldade, ou quase impossibilidade, do povo português aceitar de volta os ex-colonos. E também, por parte dos retornados, em se reinserirem na vida social

* Mestre em Letras - Literatura e Práticas Culturais. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: monacobeto@gmail.com.

** Doutor em Teoria e História Literária (Unicamp). Professor Adjunto na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: gregdantas@gmail.com.

¹ Estima-se que, entre abril de 1974 e o final de 1975, mais de 500.000 portugueses e seus descendentes - algumas fontes falam em 300 mil, outras em até 800 mil - tenham retornado a Portugal, (cuja população, à época, beirava os 10 milhões de habitantes) vindos de Moçambique, Guiné-Bissau e Angola (de longe o maior percentual). O processo de transferência se dá, principalmente, através de uma ponte aérea Luanda-Lisboa, que contou com o auxílio de aviões dos EUA, e que até hoje é considerada a maior ponte aérea que já se fez no mundo.

de um Portugal pós-Revolução, recém liberto da ditadura e com imensas expectativas de que o futuro traria de volta a prosperidade perdida. No âmbito econômico, os compatriotas que retornam são vistos como um entrave, um peso a mais para ser carregado por uma economia debilitada. Já no âmbito social, os retornados carregam a “mácula” de terem sido exploradores do povo africano.

No romance *O Retorno*, lançado em Portugal em 2011 e publicado no Brasil em 2013, Dulce Maria Cardoso utiliza como pano de fundo este momento histórico, focando sua narrativa na saga de uma família cujos pais foram para a África na década de 1950, atraídos pela busca de uma vida melhor na então colônia.

Cardoso inscreve *O Retorno* como um romance histórico e de memória, já que ela própria viveu esta situação: nascida em 1964, na região norte de Portugal, foi com seus pais para Angola no ano seguinte, onde viveu até os onze anos de idade. Contrariando alguns críticos que classificam *O Retorno* como um romance de testemunho ou autobiográfico, a autora procura ressaltar o caráter de ficção de sua obra. Questionada também sobre a suposta demora em produzir sua narrativa, Dulce diz:

Eu precisava de tempo. Não queria falar sobre a minha vida, sobre a minha vivência. Eu queria propor uma reflexão sobre a perda. Sendo que a mais relevante foi a afetiva – se bem que, na altura a mais dramática (...) tenha sido a material – porque as pessoas de repente viram-se sem casa, sem dinheiro – mas depois (...) havia uma parte afetiva que se sabia que não se arranjaría, que nós sabíamos – todos os que voltaram sabiam – que estava perdida. Por isso é que eu digo que a perda foi mais afetiva que material. (...) A verdade é que, o que há de memória, o que há de imaginação... já se passaram 30 anos, não é? (CARDOSO, 2011).

Contado em primeira pessoa pelo adolescente Rui (cujo nome, a autora, em entrevista de 2012, afirma ser uma referência ao “império a ruir”²), *O Retorno* inicia com uma oração adversativa: “Mas na metrópole há cerejas.” Como sabemos, as conjunções adversativas expressam ideia de oposição ou contraste a uma oração anterior. Neste caso, a oposição, colocada como primeira frase do narrador, está evidenciando a dúvida de quem não conhece a “metrópole” (Lisboa, e por extensão, Portugal), mas tem a certeza (ou, como se verá mais adiante, a esperança) de que seja um lugar melhor do que Luanda: “As raparigas daqui não sabem como são as cerejas, dizem que são como as pitangas. Ainda que sejam, nunca as vi com brincos de pitangas, a rirem-se umas com as outras como as raparigas da metrópole fazem nas fotografias” (CARDOSO, 2013, p. 7).

A autora, valendo-se da ingenuidade de Rui, nos fala ao mesmo tempo dessa esperança de chegar a um lugar melhor, e da incompreensão/tristeza em abandonar uma vida construída - “acho que nos bastava a ideia de que o futuro seria melhor” (CARDOSO, 2013, p. 9). O entrelaçamento proposto, entre acontecimentos vividos (ou de que a autora possa ter ouvido relatos) e a pura ficção do que “poderia” ter acontecido, confere verossimilhança a *O Retorno*.

O conhecimento da autora sobre os fatos apresentados é ressaltado pelo realismo nos detalhes - o que poderia, evidentemente, ser substituído por uma extensa pesquisa -

² “evidentemente há algumas pequenas brincadeiras, ou seja, o Rui [...], o imperativo do verbo ruir, o império a ruir”. Entrevista à pesquisadora portuguesa Sheila Khan in KHAN, 2012.

mas é o componente “pessoal” que evoca, no leitor, uma empatia e uma cumplicidade aliadas à evidente “parcialidade” do narrador, envolvido e não-distanciado.

Ao voltar seu foco para o universo dos costumes, dos pormenores e dos detalhes cotidianos, Dulce M. Cardoso recupera um passado recente e prestes a ser esquecido, e insere-se no movimento de revisitação sobre este tempo obscuro da história de Portugal. A perspectiva é de uma escrita “de fora para dentro” a partir da experiência de portugueses que saíram da pátria de origem, projetando nas colônias de além-mar um local de exploração e enriquecimento rápido.

O sonho de um império colonial semelhante ao inglês foi totalmente frustrado, como analisou Boaventura de Souza Santos em seu artigo “*Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade*” (2002): “enquanto o Império Britânico assentou num equilíbrio dinâmico entre colonialismo e capitalismo, o Português assentou num desequilíbrio, igualmente dinâmico, entre um excesso de colonialismo e um déficit de capitalismo” (SANTOS, 2002 *apud* HOLLANDA, 2004, p. 14).

É preciso, ainda, considerar que Angola não se configurou apenas como uma colônia para os portugueses que para lá emigraram. Tornou-se o novo lar que construíram e, na visão destes colonos, uma parte de Portugal, ainda que separada por milhares de quilômetros. Grande parte dos retornados sequer conhecia a Metrópole – ou por ter saído de lá na infância ou porque nascera na própria colônia. Portugal era, para a maioria dos colonos, “um mapa na parede da sala de aula” como Rui refere em *O Retorno*. O tempo, a distância e a dificuldade de comunicação foram, lentamente, fazendo com que esses portugueses adquirissem uma identidade muito mais próxima de Angola do que de Portugal, o que veio a ser acirrado pela guerra.

Algumas literaturas nacionais, em particular as de países que sofreram com o processo colonizador, vem utilizando a palavra escrita para contrapor seus discursos reprimidos ao discurso hegemônico. Escritores de países asiáticos, sul-americanos, caribenhos ou africanos (como o angolano José Eduardo Agualusa e o moçambicano Mia Couto), tem se destacado nesse resgate e nessa construção de uma nova história do período. Porém, no caso específico de Portugal, país que inaugurou o Período Colonial no século XV, e que encerrou este processo apenas na década de 70 do século XX, o processo sofreu uma inversão, com a característica – única, entre países colonizadores – de ter seus colonos retornando para a Metrópole numa situação humilhante.

Margarida Calafate Ribeiro, em seu artigo *O Fim da História de Regressos e o Retorno a África: Leituras da Literatura Contemporânea Portuguesa* (2012), aponta um pacto velado de esquecimento e de escolhas de lembranças que a sociedade portuguesa pós-colonialista e pós-Revolução teria colocado em prática. A autora refere que “a memória e, sobretudo a memória de África, não parecia ser contemplada como um elemento essencial à construção da nossa democracia. Ao contrário, ela era permanentemente o seu elemento perturbador, pois nela tropeçávamos a cada passo” (RIBEIRO, 2012, p. 89).

Ao menos aparentemente, esta memória não interessava ao português da Metrópole, que já tinha preocupações suficientes por conta dos novos ventos (socialistas) que sopravam no país. Mas negar o recente passado colonial era o mesmo que negar os tiros - a guerra -, como fazia a família de Rui em *O Retorno*. As lembranças estavam, a todo

momento, fazendo-se presentes: ex-combatentes inválidos ou traumatizados, famílias despedaçadas pela falta de um pai ou de um irmão, os retornados desamparados.

A narrativa d'O Retorno segue esta construção de retrospectiva, memorial, e ao mesmo tempo de (re)descoberta, ao valer-se da memória do adolescente Rui que, enquanto narra, procura compreender como o passado se construiu. Assim, as situações apresentadas (desde a partida de Angola até o momento de deixarem o hotel onde foram alojados) são permeadas pelas vozes que reconstituem inumeráveis facetas da trajetória deste imenso grupo de pessoas, agrupados sob a alcunha de retornados.

Uma das possibilidades de leitura do romance pode ser a relação temporal traçada pelo narrador: uma primeira parte, que poderia ser nomeada A Partida, reflete as lembranças dos anos passados em Angola e as expectativas de Rui e de sua família com a iminente fuga para Lisboa.

Trata-se do último dia que a família passa em território africano e, aos poucos, o leitor toma contato com a realidade da guerra de independência e de como os brancos portugueses estão sendo expulsos do país que colonizaram. Através da descrição de um almoço em que todos tentam agir de forma cotidiana e numa falsa normalidade - “por instantes, este dia transformou-se num dos domingos de antes, num dos domingos de quando ainda não havia tiros” (CARDOSO, 2013, p. 12). -, a autora insere pequenos detalhes que vão desmontando a atmosfera de pretensa tranquilidade e apresentando o verdadeiro clima de Angola após o 25 de Abril: “Os soldados portugueses já quase não passam por aqui e os poucos que vemos têm os cabelos compridos e as fardas desleixadas.” (CARDOSO, 2013, p. 11). E a constatação de que os tempos mudaram: “Os pretos não começaram logo a matar brancos a oito mas quando lhe tomaram o gosto não quiseram outra coisa(...)” (CARDOSO, 2013, p. 33).

No mosaico de personagens que Cardoso vai criando, o que mais se destaca é o pai – chamado apenas de “o Pai”, até que a Mãe evoque seu nome: Mário (que pode ser um alusão/ironia a Mário Soares³). Ele é o exemplo do típico colonizador, que acreditou nas promessas de buscar uma vida melhor fora de Portugal e que, apesar das mudanças pós-revolução segue sendo um sonhador, que não consegue aceitar a nova realidade da colônia:

Durante algum tempo o pai continuou a acreditar que 1975 ia ser o melhor ano das nossas vidas, vai correr tudo bem, vamos construir uma nação, pretos, mulatos, brancos, todos juntos vamos construir a nação mais rica do mundo, melhor até do que a América, isto é uma terra abençoada onde tudo o que se semeia nasce, não há no mundo outra terra assim. (CARDOSO, 2013, p. 32-33)

O pai representa grande parte da sociedade portuguesa da época, que não entende porque os negros odeiam seu colonizador. O pai até mesmo tenta argumentar com os soldados pretos que vem prendê-lo, querendo convencê-los de que ele, que é um “bom branco”, também foi enganado:

³ Mário Soares foi Primeiro Ministro de Portugal em três governos e Presidente da República por 10 anos. Como Ministro dos Negócios Estrangeiros, (maio de 1974 a março de 1975), foi um grande impulsionador da independência das colônias portuguesas.

(...) olhem bem para mim (...) estão a ver um homem que se matou a trabalhar nesta terra, descarreguei sacas de café contigo, contigo, aponta para cada um dos soldados, com o teu pai, com o teu tio (...) tanto trabalho para agora ficar tudo aqui. (CARDOSO, 2013, p. 56).

Mas na Angola de 1975 não há lugar para bons brancos. O branco é “um esclavagista, um colonialista, um imperialista, um explorador, um violador, um carrasco, um gatuno, qualquer branco é isso tudo ao mesmo tempo e não pode deixar de ser odiado” (CARDOSO, 2013, p. 48). E por isso o Pai é preso - sob a suposta acusação de colaborar com um assassino de negros - e a família terá que partir sem ele.

A guerra invadiu a vida desta família, e Rui procura não falar/pensar nela. É um assunto interdito, tanto dentro da família como com o leitor. Mas a realidade é que a guerra (ou, como eufemisticamente toda a família refere: “os tiros”) está presente demais para não ser lembrada. Há um clima de censura velada na narração de Rui, evocando a censura que a ditadura de Salazar impunha, na metrópole, às notícias vindas da Guerra Colonial. No entanto, como nos acontece quando temos uma grande preocupação, o assunto volta ao pensamento ou, no caso de uma guerra travada além-mar, são os mortos e mutilados que voltam à pátria e reavivam a lembrança de que uma guerra acontece “lá fora” e da qual o governo tenta esconder as evidências. Cardoso utiliza a repetição constante de pequenas frases, entremeadas às preocupações adolescentes de Rui: “antes de os tiros terem começado o futuro seria sempre melhor. Agora já não é assim e por isso já não temos assuntos para falar” (CARDOSO, 2013, p. 9).

Nesta primeira parte do romance, o silêncio é um personagem a mais, que se esgueira entre o cotidiano da família, deixando frases incompletas e ações subentendidas. Tentar não falar sobre “os tiros” é uma forma de não sofrer a perda da mudança de vida, do abandono da casa, da necessidade de enfrentar o futuro desconhecido: “A doença da mãe e esta guerra que nos faz ir à metrópole são assuntos parecidos pelo silêncio que causam” (CARDOSO, 2013, p. 9).

A preparação da partida é demorada. Ou, poderia dizer que é alongada, pela vontade de que o tempo não passe, já que não há muito que preparar. Os detalhes e a escolha do que deixar tomam uma proporção muito maior do que tem. Depois de muito pensar, Rui escolhe levar dois pôsteres de artistas e deixar sua coleção de revistas em quadrinhos, mas a impressão que temos é que a escolha é apenas formal: o importante não é o que vai ser levado, mas o que não deve ficar para que não seja usufruído pelos “pretos”. Assim, o pai se dedica a desmanchar a toalha de mesa, bordada pela Mãe, enquanto sentencia: “Não fica cá nada (...) nem o pó dos sapatos cá deixo, eles não merecem nada. Eles são os pretos.” (CARDOSO, 2013, p. 21)

O Pai já nada pode fazer para recuperar sua posição dominadora, e é levado preso, talvez para ser morto. É a partir da prisão do pai, justamente no dia em que se dará a fuga de Angola, que temos a dimensão maior da perda à que esta família está submetida: além de todos os bens materiais e afetivos deixados para trás, é preciso partir sem o Pai. “Resolver a vida é o que mais se ouve entre os retornados mas sem o pai não temos ideia de como isso se faz. O pai sabe ganhar dinheiro.” (CARDOSO, 2013, p. 78) é o que pensa Rui. O Pai é o provedor, a garantia de segurança e de futuro. Não é mera coincidência

que estes mesmos atributos (a fonte de renda, a garantia de um futuro próspero para Portugal) fossem usados pelos defensores da continuação do sistema de exploração no “ultramar”, como justificativa para a manutenção (ou na luta pela manutenção) das últimas colônias da era moderna.

Durante o período colonial – que em Angola durou mais de cinco séculos – muitas fronteiras se estabeleceram entre os “de fora” e os “da terra”. Uma das mais importantes e significativas foi o idioma. Uma passagem nos serve como exemplo da distância que a língua produzia na relação entre patrão e empregado: “Dantes era o pai que decidia quando se ria, como te chamas, Málátia, patrão, que matumbo, nem o nome sabes dizer, o Malaquias também tinha de se rir quando o pai se ria.” (CARDOSO, 2013, p. 53)

Na observação do adolescente Rui está também implícita a mudança de perspectiva produzida pela inversão de quem detém o poder: neste momento da guerra colonial, em que os brancos (colonos portugueses) foram abandonados à própria sorte, quem pode propor o riso são os negros. “agora é a vez de o pai ser o último a rir, e não é verdade que quem ri por último ri melhor.” (CARDOSO, 2013, p. 53) Agora são os soldados, armados, que determinam o que é engraçado ou não. Cabe ao ex-colonizador decifrar o código e “rir por último”, mostrando sua aquiescência (sob pena de ser morto). Antes (da guerra, da vitória dos negros) só quem podia rir e falar eram os colonizadores, e também na referência à língua se percebe a inversão de paradigmas:

Os soldados falam mas não os compreendemos. Nunca aprendemos a língua dos pretos, as línguas aliás, que os pretos também têm várias línguas e se calhar é por isso que não se entendem, não se conseguem compreender uns aos outros. (CARDOSO, 2013, p. 51)

Quando Rui diz: “Os soldados falam, mas não os compreendemos”, percebemos outro aspecto da relação colonizador X colonizado. O colono que foi enviado para ocupar Angola não se preocupava em “ouvir” (compreender) a população local, e considerava a profusão de línguas como uma das marcas do suposto atraso daquela civilização (“se calhar é por isso que não se entendem”). E, na visão europeizada de Rui, mesmo que tenham vencido a Guerra Colonial e obtido sua independência, os negros continuam lutando entre si (como continuarão, na Guerra Civil que durará mais 27 anos), pois “não se conseguem compreender uns aos outros”.

Sabemos que a imposição da língua da Metrópole é um dos aspectos cruciais da forma como se consolidou a submissão dos povos dessas terras. Num dos textos fundadores dos estudos sobre pós-colonialismo, *The Empire Writes Back* (1989), podemos ler:

One of the main features of imperial oppression is control over language. The imperial education system installs a ‘standard’ version of the metropolitan language as the norm, and marginalizes all ‘variants’ as impurities. (...) Language becomes the medium through which a hierarchical structure of power is perpetuated, and the medium through which conceptions of ‘truth’, ‘order’, and ‘reality’ become established.⁴ (ASCHCROFT et. al., 1991, p. 7)

⁴ Um dos principais mecanismos da opressão imperial é o controle sobre a linguagem. O sistema educacional do império instala uma versão ‘padrão’ da linguagem da Metrópole com norma, e marginaliza, como impuras, todas as ‘variantes’ (...) A linguagem torna-se o veículo através do qual uma estrutura

Os negros, tradicionais habitantes de Angola, serviram como escravos durante centenas de anos e, num passado mais recente, como empregados dos brancos portugueses. A eles era imposta a obrigatoriedade de aprender a língua do dominador, como única forma de alcançar algum benefício na relação com os patrões. Rui, em sua ingenuidade adolescente, confirma: “Nunca aprendemos a língua dos pretos”, reconhecendo o desinteresse com que o europeu encarava a outra cultura.

No momento em que a situação política se inverte, e os negros assumem o controle de seu país – ameaçando a própria sobrevivência dos portugueses -, os colonizadores passam a perceber a “existência” dessas pessoas, e se surpreendem com sua própria ignorância acerca do “outro”.

Uma possível segunda parte do romance começaria à página 63, onde, como se fora um capítulo, temos apenas uma frase: “Então a metrópole afinal é isto.” Todo o espanto e quebra de expectativas do adolescente Rui estão contidas aí. De um lugar imaginado e idealizado como o “centro do Império”, Lisboa converte-se numa triste realidade:

A metrópole não pode ser como hoje a vimos no caminho que o táxi fez, ninguém nos ia obrigar a cantar hinos aos sábados de manhã se a metrópole fosse tão acanhada e suja, com ruas tão estreitas onde parece que nem cabemos. (...) A metrópole tem de ser como este hotel que até no elevador tem uma banquetta forrada a veludo (CARDOSO, 2013, p. 83).

A visão decepcionante da cidade é substituída pela ilusão de hospedagem em um hotel de luxo⁵. Porém, logo se percebe que esta solução também serve a um propósito: desde a chegada, os Retornados são segregados, colocados numa espécie de gueto e praticamente excluídos do cotidiano da cidade, o que amplia o abismo que se abriu para essas pessoas: sem ter contato com o “mundo real” de Lisboa, os retornados tiveram ainda maior dificuldade de se incluírem na vida social portuguesa. Rui testemunha: “(...) ser retornado de hotel também é mau porque quer dizer que não há sequer um familiar que goste de nós o suficiente para nos querer em casa” (CARDOSO, 2013, p. 124).

Assim, Cardoso toca o tema do Pertencimento, conceito originalmente surgido no âmbito das Ciências Sociais (especialmente a Sociologia e a Antropologia) como parte das discussões sobre inclusão/exclusão social e que tem sido objeto de estudos literários, não só em razão da ampliação de abordagens propiciada pelos Estudos Culturais, mas também por uma “tematização” em voga em romances contemporâneos. O pertencimento, entendido como um sentimento de proximidade com a língua, os costumes e o todo da cultura de um local ou de uma época, é próprio do ser humano moderno, e está na base de criação da ideia de Nação, como a conhecemos desde o século XVIII. Edward Said (2003) nos traz a seguinte contribuição:

hierárquica de poder é perpetuada, e o meio através do qual conceitos de ‘verdade’, ‘ordem’ e ‘realidade’ são estabelecidos. (Tradução minha)

⁵ No romance, a família de Rui é alojada, durante mais de um ano, em um hotel 5 estrelas em Estoril, balneário distante cerca de 30 km de Lisboa. Essa prática, adotada pelo novo governo socialista português, gerou fortes críticas devido a seu alto custo e, segundo muitos, serviu para salvar da falência o setor hoteleiro português.

O nacionalismo é a declaração de pertencer a um lugar, a um povo, a uma herança cultural. Ele afirma uma pátria criada por uma comunidade de língua, cultura e costumes (...) Esse ethos coletivo compõe o que o sociólogo francês Pierre Bourdieu chama de habitus, o amálgama coerente de práticas que ligam o hábito a habitação. E logo adiante da fronteira entre "nós" e os "outros" está o perigoso território do não-pertencer, para o qual, em tempos primitivos, as pessoas eram banidas e onde, na era moderna, imensos agregados de humanidade permanecem como refugiados e pessoas deslocadas (SAID, 2003, p. 48).

Em *O Retorno*, Rui e sua família podem ser categorizados como refugiados ou deslocados, já que, isolados em um hotel, cercados de outros retornados (e de outros hotéis com retornados) estão à margem de Portugal. Apesar de portugueses, não pertencem ao país. “Os de cá chamam-nos entornados para gozar conosco, foram entornados cá, devem pensar que têm graça.” (CARDOSO, 2013, p. 128), reclama Rui. Além da segregação, há o preconceito: “Estar na metrópole ainda é pior para as raparigas, os rapazes de cá não querem namorar com as retornadas (...) dizem que as retornadas lá andavam com os pretos” (CARDOSO, 2013, p. 143). Milucha, a irmã de Rui, prefere esconder o cartão que lhe daria direito a lanche, na escola, para tentar disfarçar sua condição.

Retomando o pensamento de Edward Said, percebemos que o movimento de reinserção social dos retornados – ou seja, seu pertencimento – passava, inicialmente, pela negação de sua condição. Condição essa que os faz se sentirem estrangeiros na terra que deveria ser sua pátria. E esse sentimento de ser “de fora” é exacerbado pelo fato de viverem em um hotel, um local de passagem, sem vínculos:

uma casa pode ser uma casa. E este quarto, e esta varanda de onde se vê o mar, é a nossa casa. A mãe e a minha irmã não pensam assim e por isso, se estamos na rua nunca dizem “vamos pra casa”, dizem sempre “vamos pro hotel”. (...) devia ser bom fumar aqui um cigarro. Mas assim é diferente, assim é fumar um cigarro num sítio a que não pertença. E a que nunca pertencerei. (CARDOSO, 2013, p. 162 e 175)

A migração da periferia para o centro, usual na relação Metrópole X Colônia (é o que se observa em países que mantiveram grandes contingentes populacionais como colônias: há um movimento de retorno dos descendentes dessas relações - hindus e paquistaneses na Inglaterra, muçulmanos de várias regiões, na França), assume um novo aspecto no caso Angola X Portugal, já que são os próprios colonizadores que fazem o percurso de “volta”. A diferença é que a rejeição xenófoba que costuma ocorrer não está ligada à etnia – tanto os portugueses “da terra” quanto os Retornados são brancos, de mesma origem -, mas apoiada numa suposta aura de impureza trazida da África. Como se o contato e a convivência com os negros, os “bárbaros”, tivesse contaminado esses que agora retornavam. Essa rejeição é explicitada em várias partes do romance através das falas de colegas, professores e funcionários do hotel. Vejamos este exemplo, quando o narrador Rui discute com a professora do Liceu:

(diz) a puta da professora: um dos retornados que responda! Como se não tivéssemos nome, como se já não bastasse ter nos arrumado numa fila só prá retornados. A puta a justificar-se: os retornados estão mais atrasados. Sim sim, devemos estar, devemos ter ficado estúpidos como os pretos. E os de cá devem ter aprendido muito depois da merda da revolução. Se for como em todo o resto... (CARDOSO, 2013, p. 140).

Na sequência, Rui é expulso da sala, e também repreendido por outras funcionárias da escola: “(...) ó menino, isto aqui não é a selva, não é como lá de onde vens. Aqui há regras! (...) Estamos a avisar-te, menino! (...) Lá podias andar montado nos leões, mas aqui tens que ter modos” (CARDOSO, 2013, p. 139).

Passados 40 anos do 25 de Abril, as opiniões continuam extremadas: enquanto muitos (em especial mais “à esquerda”) julgam que o “espírito da revolução” se perdeu e que as reformas poderiam ter sido mais profundas, os setores chamados conservadores pouco veem de positivo a lembrar. A guerra e a forma de descolonização é lamentada por todos, mas, evidentemente, cada lado aponta os erros cometidos a partir de seu prisma de julgamento. Nesse sentido, a autora foi coerente ao mostrar vários lados da questão, sem apontar culpados ou buscar o chamado “acerto de contas” com o passado. Como registrado em algumas entrevistas, sua intenção era servir de cronista de um momento que viveu: “eu, por exemplo, não quis o ajuste de contas. (...) Este livro tenta não ter lados, tenta ser uma visão do que aconteceu, mas sem julgar. (...) Não é tanto uma descrição, é uma proposta de vários lados. Estão quase todos aí.”⁶

A parte final do romance poderia ser identificada como O Futuro, já que temos aí as esperanças e sonhos do jovem narrador, apoiadas na expectativa de retorno do pai que ficara na colônia.

Este é um momento de virada para Rui: de criança/adolescente que era em Angola, ele tem que transformar-se num adulto em Lisboa. Torna-se o responsável pela mãe, que tem “problemas” e pela irmã mais jovem que – na sua visão – é irresponsável. Assim, é forçado a agir, a tomar atitudes de adulto (ainda que só consiga fazer planos miraculosos para o futuro e planejar o roubo da mobília de outros retornados que talvez tenham morrido). Este é o sentimento de Portugal ao perder suas colônias: é preciso “tornar-se adulto”, mas como fazer isso? Rui espera o pai assim como Portugal sempre esperou misticamente uma intervenção divina: para resolver os problemas, para não precisar assumir a responsabilidade que teme. “(...) mas o pai tem de estar bem, tem de estar bem e quase a vir ter connosco (...)”. Assim, Cardoso “concede” um retorno improvável do pai: quase um ano depois de ser preso por tropas revolucionárias angolanas, o pai ressurgiu em Lisboa, no hotel onde está hospedada a família. Em plena madrugada, numa cena quase mística, de sonho, que beira o inverossímil:

Bateram à porta do nosso quarto a meio da noite, com o código que inventámos quando foi decretado o recolher obrigatório lá (...) Ninguém volta da morte e bate à porta da família de madrugada, ninguém volta da morte com uma boina, uma camisa aos quadrados e um saco preto na mão, o pai está morto e vai desaparecer quando eu acordar. Por mais que abra os olhos e os esfregue o pai continua à minha frente, quase igual ao pai de lá (...). Falta-me a voz como nos sonhos em que se quer gritar e não se consegue, a língua parece dormente. Já não conheces o teu pai, a voz do pai é a mesma, já te esqueceste do teu pai, rapaz. O pai está à minha frente e eu não sei o que fazer. (CARDOSO, 2013, p. 220-221)

Depois deste retorno fantasmagórico, o pai reassume o comando e faz planos para saírem daquela situação. Esses planos incluem um empréstimo – aparentemente de um

⁶ Entrevista a Mario Crespo (TV SIC): <https://www.youtube.com/watch?v=ytQs66q6GQU>. Acesso em 23/03/2016.

valor alto – para um investimento em uma fábrica de pré-moldados de cimento. A saída do pai é a saída de Portugal dentro do contexto da União Europeia: endividar-se, com a esperança de que o futuro possa ser melhor.

Nas páginas finais do romance Rui projeta seu futuro na nova casa que o pai consegue para a família. Uma casa que os livra de continuarem amontoados no hotel, e que começa a reinseri-los na vida de Portugal.⁷ Afinal, a vida tem que continuar, e Rui encerra suas “memórias” no seu último dia no hotel, pensando em escrever em letras garrafais, no terraço do prédio, o recado a um avião que passa: “Eu estive aqui”. O recado que é o da autora: “eu vivi isto”. E, se o gesto pueril de Rui não teria nenhum efeito prático, pois dificilmente seria visto do avião ou, mesmo que visto, seria ininteligível e rapidamente esquecido, o recado de Dulce Maria Cardoso permaneceu na forma de literatura.

Colocada a questão sobre se *O retorno* foi uma válvula de escape para que as feridas, as mágoas, os preconceitos fossem, finalmente, falados, a autora responde:

[...] eu tenho me apercebido quando vou a reunião de leitores, [...] – muitos viveram, em parte, ou tiveram familiares, ou eram pequenos –, mas também, muitos não viveram e muitos até tiveram familiares contra os retornados, e que agora dizem “eu não sabia, eu não imaginava que isto tinha sido assim, e aprendi muito e agora vou mudar a minha opinião”. Portanto, eu acho que o livro tem sido uma ajuda, também. Havia pessoas que não tinham tido contacto nenhum com essa realidade e é muito simples passar o preconceito, não é? Ainda que eu defenda que o ‘retornado’ é um estigma, é só uma identificação, é um rótulo, mas, de qualquer maneira, ainda há a memória do estigma. Ainda nos lembramos como os retornados eram mal vistos, e nisso eu acho que o livro tem ajudado muito. E, eu fico muito contente, evidentemente. (KHAN, 2012, entrevista com Dulce Maria Cardoso).

A meu ver, na atualidade, já libertos de algumas amarras teóricas, é possível pensar o romancista-histórico como alguém que narra – de forma diferente, ou por outro ângulo – o que aconteceu, ou pode ter acontecido. E, se já não aceitamos mais (como leitores desmistificados e desmistificadores) que uma narrativa linear possa dar conta de narrar o mundo como o percebemos, é preciso procurar novas formas de narrá-lo. Por outras palavras, são outras versões de uma mesma realidade (ainda que se admita, por parte do romancista, uma extensa liberdade em sua versão). Michel Foucault propôs que se estudasse “a vida dos homens infames”, ou seja, buscar na boca dos desconhecidos, dos sem-fama e sem glória, a História que não foi contada. Parece ser esta a experimentação que fazem alguns autores.

No caso de *O Retorno*, não é apenas o drama da família de Rui que comove o leitor. É saber que as dificuldades daquela família são a exemplificação de milhares de outras. É observar que os erros da ditadura portuguesa, que geraram aquela situação, perduraram no governo socialista que assumiu o poder em 1974, e que, para aqueles retornados, pouca diferença faziam os labirínticos caminhos do poder.

⁷ A partir de 1976, o governo começou a construção de casas populares na periferia de Lisboa, com juros subsidiados para os retornados. Um desses bairros, até pouco tempo atrás ainda era conhecido como “o Bairro dos Retornados”. Outra parcela, ainda maior de pessoas, espalhou-se pelo interior de Portugal.

Cardoso poderia ter criado uma fictícia família de refugiados de alguma guerra indefinida que tentam retornar a uma pátria também fictícia. Porém, ao utilizar um acontecimento histórico notório recente e sua própria experiência de vida, expõe-se à curiosidade e à tentativa de decifração de sua ficção:

Espero pelo tempo em que não existam perguntas ao escritor. Em que a obra seja suficiente, por si, outra vez, como já foi noutros tempos. É disso que tenho esperança, em que o escritor como fazedor e as suas opiniões não tenham importância. O que tenho para dizer está nos livros, e nas personagens que me aparecem. Venham de onde vierem (apud BRIDI, 2005).

Esta declaração de Cardoso - que ecoa a de muitos outros autores -, pode ser vista como uma advertência a todos (especialmente a imprensa, é claro) que, no rastro do lançamento d'*O Retorno*, tentavam reconstruir os passos da autora, cruzando-os com a família de Rui, ou buscando exemplos de famílias semelhantes. É evidente que a autora utilizou sua memória e sua história de vida para compor o romance, mas também é evidente - e esperado - que tenha incluído elementos fictícios, lembranças de seus parentes, vizinhos ou até estórias que tenha ouvido sobre retornados.

A ideia de que um romance deveria ser “fiel à verdade” há muito foi abandonada, sendo naturalmente aceito - tanto pelo autor como por seus leitores - que um romance pretende ser apenas e tão somente um romance, e não um documento histórico. Na sociedade ocidental contemporânea já não há espaço para a ilusão de que a realidade é reproduzível em palavras. Quanto mais um autor tentar convencer seus leitores de que está reproduzindo um fato de forma fidedigna e totalmente sem intervenção da ficção, maior tenderá a ser a precaução do leitor em não ser ingenuamente enganado.

REFERÊNCIAS

ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. *The Empire Writes Back: theory and practice in post-colonial literatures*. London: Routledge, 1991.

BRIDI, Marlise. Nova voz da ficção portuguesa: Dulce Maria Cardoso. *Léguas & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, v. 4, nr. 3, 2005. Disponível on-line em: www2.uefs.br/leguaemeia/3/3_261_nova.pdf. Acesso em 18/nov/2015

CARDOSO, Dulce M. *O Retorno*. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2013.

_____. M. Entrevista: *Programa Ler Mais, Ler Melhor*, Lisboa, RTP, Novembro 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QVF5oB-nTTM>. Acesso em: 18 jan 2015).

HOLLANDA, Heloisa B. de (org.) *Cultura e Desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

KHAN, Sheila. *O imaginário do império-navio e o inefável namoro Brasil/Angola*. Revista Via Atlântica, n. 22, p. 127-138, São Paulo, dez/2012. Acesso em 18/03/2015.

RIBEIRO, Margarida C. O Fim da História de Regressos e o Retorno à África: Leituras da Literatura Contemporânea Portuguesa, in Elena Brugioni *et al.* (org.), *Itinerâncias: percursos e representações da pós-colonialidade*. Vila Nova de Famalicão, Portugal, Edições Húmus, p. 89-99, 2012. Disponível on-line em: https://www.ces.uc.pt/myces/.../1097_MCR_fim_hist_reg_Itinerancias.pdf. Acesso em 23/jan/2016.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

Recebido em 30/09/2016. Aprovado em 20/03/2017

Title: *The living and non-living: memory and postcolonialism in O Retorno by Dulce Maria Cardoso*

Abstract: *O Retorno its a novel by Dulce Maria Cardoso set in the period of decolonization from Portugal, especially after the Colonial War in Angola. The independence of the country has caused the flight of hundreds of thousands of settlers, forced to return to Metropolis (Lisbon). In this scenario, the author reconstructs the life of a family of "returnees" from the perspective of a teenager. The purpose of this article is to seek to understand how the reflections of this young, combined with the author's memories - itself a "returned" -, refer to the feeling of not belonging and illustrate an odd facet of contemporary postcolonialism.*

Keywords: *Dulce Maria Cardoso. Memory. Postcolonialism.*



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.